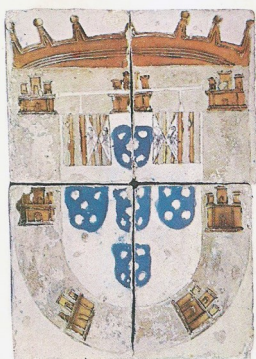


MEMÓRIA · PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# CORRESPONDÊNCIA PARA RAUL PROENÇA

Organização e introdução de José Carlos González  
Com um estudo de Fernando Piteira Santos



Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional

Carta de António Sérgio a Jaime Cortesão  
22 de Novembro de 1912

22 de Novembro, 1912, Londres

87, Elgin Mansions, Elgin Avenue  
London, W.

Meu bom e querido amigo:

Recebi ontem à noite o n.º 2 da *Vida Portuguesa*; não me chegou às mãos o n.º 1, e por isso lhe não mandei até agora um grande abraço de felicitações e parabéns.

Confesso que me penaliza a ideia de que você tomou uma ala da *Renascença*, sem oferecer nela a um seu amigo, e da *Renascença*, que não tem lugar na do Pascoaes. Eu bem sei que sou filho pródigo, desertor do lar paterno. Mas com razões que em vez de me condenar se recomendam: e o *pater-familias* da parábola continuou a amar o filho pródigo...

Enfim, o que você não me dá venho eu pedir-lhe. Repito-lhe, não vi o 1.º número, que creio ainda me enviará; mas o plano deste 2.º agradou-me completamente. Já que à sua amizade não tenho devido uma resposta às minhas cartas, é das suas funções de director que espero explicações a estes quesitos:

1.º é a *Vida Portuguesa* um campo livre, isto é, não tem dogma colectivo, admite a discussão e a divergência no campo das ideias, com a simples condição da pureza de alma e boa vontade

pela «cultura do povo português»?

2.º quer você na sua casa o mais abandonado e herege dos seus amigos?

3.º admitiria que eu discutisse livremente no seu jornal todas as opiniões de todos os sócios da *Renascença*, incluindo as suas e do Pascoaes?

Intendamo-nos [sic], Cortesão. Nada mais estéril do que criticar por criticar. Nunca eu discutiria *em público* senão para estabelecer pontos *fundamentais* da orientação dos nossos planos de trabalho. Para o resto bastam as cartas particulares. Mas se o sócio A. da *Renascença* pregar ao povo português: «vamos pela direita», e eu julgar que convém *ir pela esquerda*, como nas ruas de Lisboa, parece-me a mim que o meu dever é mostrar às gentes por que razões cuido mau conselho o do sócio A. Não lhe parece?

Você, por exemplo, tem dito aí muita coisa que eu aprovo delirantemente; tem dito alguma de que discordo; dá-me licença que eu, se tiver tempo e saúde, diga aquilo que quiser e que, inclusivamente, se vier a pelo, com toda a liberdade aplauda e com plena liberdade critique a si, a tudo e a todos?

De resto, para que ninguém se julgue obrigado ao trabalho inútil de entabular discussões quando tiver mais que fazer, e para não tirar ao seu jornal a unidade que deseja, poderia fundar nele uma secção a que se chamaria *Tribuna Livre*, ou coisa parecida, sem responsabilidades para si e para a *Renascença*, aberta a todo o bom português de cara limpa, a todas as opiniões e todos os assuntos de interesse geral. Costuma nos jardins haver um canto

onde os meninos podem brincar. Seria isso: seria uma arena, para não dissidentes, para dissidentes, e até mesmo para adversários, se se apresentasse algum decentemente. Mal de nós se não sabemos conciliar a fraternidade, a amizade mais estreita e calorosa, com a completa liberdade!

Como você muito bem sabe, entusiasticamente eu aceito a ideia geral da *Renascença* — como está estampada nos *Estatutos*. Desejo portanto acompanhá-la — como sempre tenho acompanhado, quanto mo consente uma vida presa, com um fervor, uma simpatia e uma rectidão perfeitas, que ninguém pode contestar. A *Vida Portuguesa* é para mim uma esperança: poder-se-ão evitar nela os erros em que a *Águia* tropeçou. Peço-lhe encarecidamente que não deixe ninguém dogmatizar no seu jornal e apresentar ideias particulares como ideias da *Renascença* — nem você mesmo. A *Renascença* tem, sim, ideias comuns: que a Nação Portuguesa poderá levantar-se, se o quiser; que é mister acordar as almas pelo sentimento; é preciso chamar todos à grande obra colectiva: eis as ideias essenciais, em que todo o acordo é necessário e suficiente. Os pormenores da realização que saiam com o tempo da discussão livre.

Adeus por hoje. Perdoe o palreio. Tenho muito que trabalhar — tarefas áridas, sem encanto algum, comerciais e estúpidas, arrastadas sempre com saúde tibia. Muito pouco poderei fazer; mas não me perdoaria a mim mesmo o deixar de fazer o que pudesse, quando a elevação de novo sacerdote dá ao herege um recurso para se compatibilizar com a sua Igreja.

Mil bons desejos e aplausos do seu muito amigo e admirador

António Sérgio

*P.S.* — Dê esta carta a ler ao Álvaro Pinto, a quem vou escrever um bilhete. Daqui partirei para o Brasil: fico ao serviço da *Renascença*. Mande-me o 1.º n.º!